

FÉ REVOLUCIONÁRIA: A ATUAÇÃO DOS ESTUDANTES ORGANIZADOS NA PUC-RIO E NA UNE DURANTE O GOVERNO JOÃO GOULART (1961-1964)

Aluno: João Paulo Medeiros da Costa

Orientadores: Marco Antonio Pamplona, Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves

Introdução

O que leva uma série de jovens, em sua maioria de boa condição financeira, a deixar suas casas e viajar o país dedicando-se a construir um projeto de Brasil radicalmente diferente? Muitos deles, possuindo ambições artísticas, começaram a apontar suas câmeras e microfones e, por conseguinte, seus olhos e ouvidos, para regiões interioranas, muito diferentes do ambiente urbano de onde provinham. Tudo isso com um sincero interesse em entender aquela realidade de muita pobreza e alterá-la a partir de um engajamento político pretensamente capaz de agir nas consciências, mobilizando-as para a luta política organizada. É o caso, por exemplo, da equipe de *Cabra Marcado para Morrer* (1984) [1], que começou a filmar em 1964, na Galileia, interior do Pernambuco, uma trama que representaria a vida de João Pedro Teixeira, militante camponês ligado à Liga Camponesa de Sapé, interior da Paraíba, que havia sido assassinado em 1962 por ordem de latifundiários.

Na busca de responder essa pergunta, será necessário fazer um balanço da conjuntura na qual esses jovens estavam inseridos, não só do Brasil de forma mais geral, mas também das universidades, já que muitos deles eram estudantes e estavam engajados na União Nacional dos Estudantes (UNE) ou em outras organizações estudantis. O recorte temporal deste trabalho torna-se, então, o período de governo do presidente João Goulart (1961-64) e há um foco na PUC-Rio. Nesses anos, saíram desta Universidade importantes dirigentes estudantis, ademais, ela se tornou um palco privilegiado para a edificação da Ação Popular (AP), a partir de integrantes de esquerda da Juventude Universitária Católica (JUC), que foi uma das forças do movimento estudantil daquele momento.

Objetivos

Nesta pesquisa, busco compreender de que modo a UNE e algumas organizações ligadas ao movimento estudantil, com foco na PUC-Rio, buscaram atuar na conjuntura brasileira durante o governo João Goulart (1961-1964). Dessa forma, também me esforço para dar atenção especial para a gestão de Aldo Arantes na UNE (1961-1962), na época aluno de Direito da PUC-Rio. Neste momento, inicia-se a UNE-Volante, uma caravana que, junto com o Centro Popular de Cultura (CPC), rodava o país promovendo as demandas estudantis. Por isso, construí um raciocínio sobre as possíveis bases teóricas que constituíam as obras cepecistas, visando me inserir nos debates que aquela geração realizava enquanto tentava atuar para mudar radicalmente a realidade brasileira.

Metodologia

O esforço é de operar com uma literatura acadêmica que trate do período estudado, como, por exemplo, a obra de Moniz Bandeira [2], e com publicações que reúnem textos e entrevistas de atores envolvidos nos processos articulados ao movimento estudantil. Neste primeiro momento, busquei matérias da imprensa, com foco no jornal O Globo, como fontes primárias. Futuramente, há a intenção de ampliar a pesquisa para mais periódicos. Ademais, há o interesse de realizar novas entrevistas para auxiliar diretamente no tema deste trabalho, apoiando-se, portanto, nas estratégias da história oral, conforme o texto da professora e

historiadora Verena Alberti, *O que documenta a fonte oral?*[3]. Já foi feita uma primeira entrevista com Aldo Arantes [4]. O arquivo da Reitoria da Universidade e algumas atas do Conselho Universitário da PUC-Rio também foram consultados para esta pesquisa.

Conclusão

Cercados por uma atmosfera que, aparentemente, favorecia a ofensiva de movimentos de esquerda pelo mundo, graças aos recentes triunfos da Revolução Cubana e dos processos de independência na África, além do mandato do presidente João Goulart, os jovens integrados à UNE e a agrupamentos estudantis de esquerda possuíam a certeza de estarem agindo de forma definitiva para a mudança da realidade social brasileira. Assim sendo, havia um certo romantismo e, em alguma medida, um voluntarismo, que lhes davam combustível suficiente para atravessar o Brasil levando suas reivindicações e esperanças.

Todavia, esse esforço não era sem organização e refinamento teórico. Aqueles jovens buscavam formas de atuar na realidade a partir de concepções de esquerda do cenário internacional que tinham considerável força e respaldo no período. Busco embasar a hipótese de que, tendo em vista que, majoritariamente, a esquerda brasileira do início dos anos 1960 negava a luta armada, uma das principais ferramentas de mudança social escolhidas pelos estudantes organizados foi a arte engajada. Os focos guerrilheiros idealizados por Che Guevara, ídolo daquela geração, transformaram-se em focos artísticos que buscavam ampliar, cada vez mais, o número de artistas engajados para operar transformações na consciência do povo e, finalmente, realizar a revolução no Brasil. Além disso, houve, como importante influência, o pensamento progressista surgido no interior da Igreja Católica, já nas fileiras do movimento estudantil muitos se identificavam às organizações juvenis católicas.

Entretanto, busco sublinhar que o movimento estudantil não tinha nada de unívoco, sendo marcado, portanto, por contradições e disputas internas. Essa diversidade estava presente tanto entre as diferentes frações de esquerda, quanto num confronto mais óbvio com a direita, e aparecia na PUC-Rio com alguma força, conseguindo, inclusive, espaço na imprensa da época para publicizar suas posições.

Finalizando, compreendo o golpe de Estado de 1964 como algo que interrompeu bruscamente a possibilidade daquelas esperanças ligadas a concepções de esquerda tornarem-se projetos vitoriosos. Contudo, a partir da análise do filme *Cabra Marcado para Morrer* (1984) de realização, inicialmente, vinculada ao CPC da UNE e apenas concluído durante o processo de abertura da ditadura militar, pretendo demonstrar que aquele ideário revolucionário e romântico não se perdeu completamente mesmo com a derrota das forças progressistas na derrubada do presidente João Goulart.

Importante dizer que esta é uma pesquisa inicial, por se tratar de meu primeiro PIBIC. Desse modo, mostra-se necessário um esforço de ampliação das fontes e de realização de mais entrevistas. Futuramente, buscarei compreender melhor a JUC e a AP em suas especificidades e, para isso, o arquivo dos Jesuítas, com os documentos do Padre Henrique de Lima Vaz será fundamental.

Referências

- [1] CABRA marcado para morrer. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Mapa Filmes do Brasil. Rio de Janeiro: Gaumont, 1984. (120 min).
- [2] BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- [3] ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1996.
- [4] ARANTES, Aldo. Entrevista concedida a João Paulo Costa. Núcleo de Memória PUC-Rio, Rio de Janeiro, 22 jun. 2023.